



Director literario:

Alfredo dos Santos
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:

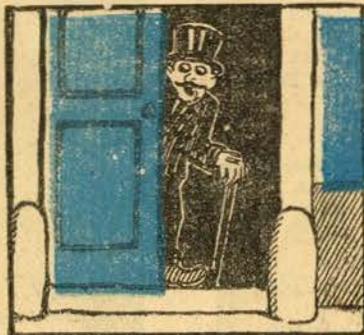
Alfredo dos Santos
PAPUSSE

A VENTURAS de PIM de PAM e de PUM

Continuação do número anterior



Vendo os postigos no chão,
Que o nosso Pim despresou,
Um assassino, um ladrão
Os postigos apanhou.



E porque andasse fugido
De um polcia que o seguiu,
Num vão de escada, escondido,
Nova farpela vestiu.



O polcia que fugira,
Supondo danado o cão,
Fica danado e, com ira,
Voltando, prende o ladrão!



Desmascarado, ante o chefe
Da polcia, o assassino,
Souberam que o magarefe
Já tinha morto um menino,



A mana, a mãe, o papá,
Avó, avó e um tio,
E os tinha deitado já,
Todos, em postas, num ri.



Devido ao Pim tão travesso,
Foi apanhado o ladrão,
Que tinha a cabeça a preço!
Qual será a conclusão?!

(Continúa no próximo número)

O Príncipe Tolinho

Por ANTONIO FERNANDES DA FONSECA

2.ª MENÇÃO HONROSA — SÉRIE A

Desenhos de EDUARDO MALTA

Havia num país muito lindo um rei que tinha dois filhos: — um chamava-se Príncipe Esperto e o outro Príncipe Tolinho.

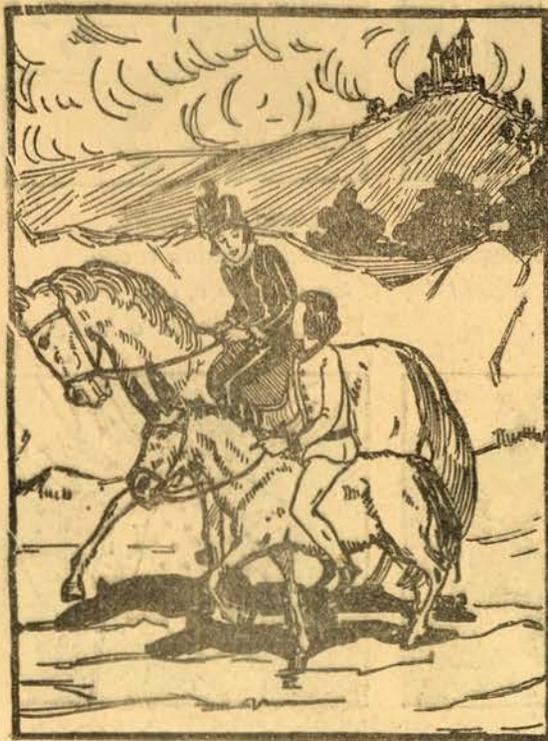
O rei gostava mais do Príncipe Esperto e por isso, julgando-o mais inteligente, mandou vir os maiores sábios do mundo para o ensinarem.

Do príncipe Tolinho, coitadinho, ninguém se importava, até que um dia chegou ao palácio a notícia de que a princesa mais formosa do reino, a princesa Olímpia, se casaria com quem respondesse mais acertadamente a umas perguntas que queria fazer.

O Príncipe Esperto, julgando saber tudo e que só ele responderia às tais perguntas, foi logo pedir licença ao Rei para ir ao palácio da princesa e, como ele dissesse que sim, mandou logo preparar os seus fatos mais ricos e o seu melhor cavalo.

O Príncipe Tolinho que nada disto tinha, vestiu o seu fato coçado e, no dia determinado, apareceu montado num velho burro para acompanhar o seu irmão, dizendo que também queria casar com a princesa e que seria ele o preferido.

O irmão riu-se muito e pelo caminho ia sempre fazendo troça dele, até que o Príncipe Tolinho, que mal o podia acompanhar no seu jumento, avistou uma pedra no meio do caminho, apanhou-a e disse: — Isto há-de servir-me de muito.

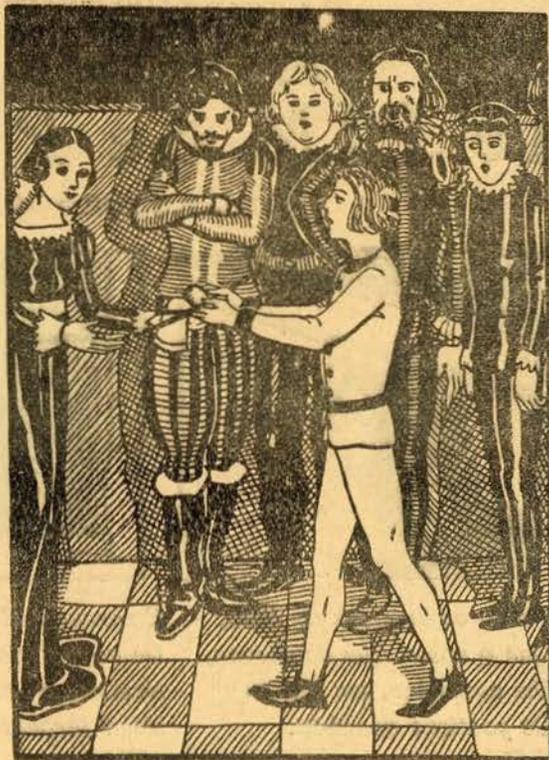


O irmão disse-lhe que era tolo e mandou-o embora, mas ele disse que não ia e que não ia.

Mais adiante encontraram um pau e o Tolinho meteu-o no bolso, dizendo outra vez: — Isto há-de servir-me de muito.

O Príncipe Esperto chamou-lhe tolo e ralhou-lhe outra vez. Mais adiante estava um pano no caminho e o Tolinho apanhou-o também, dizendo: — Isto há-de servir-me de muito.

O Príncipe Esperto chamou-lhe tolo e ralhou-lhe outra vez. Chegaram, finalmente, ao palácio da Princesa Olímpia, onde a encontraram rodeada de muitos príncipes e sábios de todas as partes do mundo, que também queriam casar com ela.



A princesa, então, levantou-se e disse: Quem quiser casar comigo há-de responder às seguintes adivinhas:

Qual a coisa, qual é ela,
Ai, qual é, qual há-de ser,
Que, junta com a segunda,
Serve p'ra casas fazer?

Qual a coisa, qual é ela,
Ai, qual é, qual há-de ser,
Que posta sobre a primeira
Serve p'ra nos aquecer

Qual a coisa, qual é ela,
Que depois das duas ter,
Tendo pão e tendo água,
E' o que basta p'ra viver?

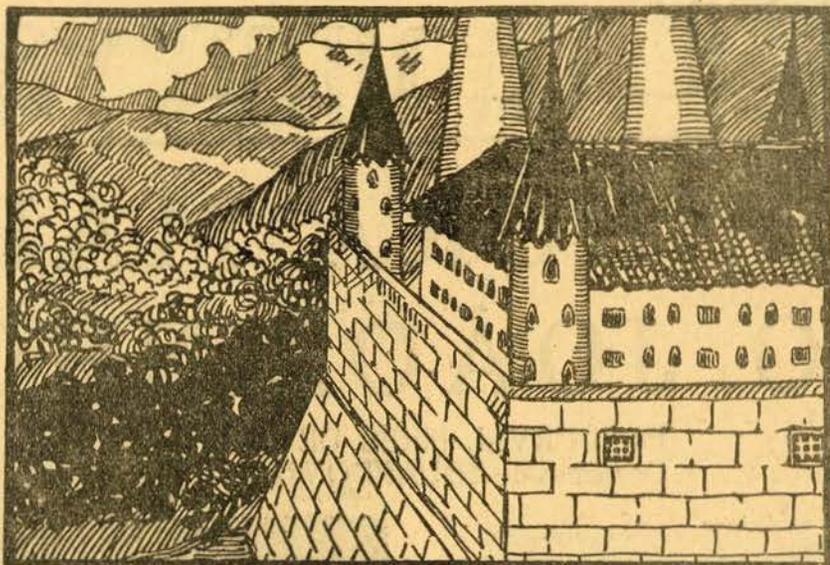
Todos ficaram calados, só o Tolinho avançou e quiz falar,

mas o Príncipe Esperto, cheio de raiva por não adivinhar, não o deixou.

A princesa, que viu isto, e simpatizando com o pobre do Tolinho, mandou-o falar.

outros saíram muito tristes. Neste momento o pano transformou-se num lindo enxoval, a pedra num grande castelo e o pau numa bela floresta.

O Tolinho que, afinal, era muito mais esperto que o seu



Então tirando do bolso a pedra, o pau e o pano, o Príncipe Tolinho disse: — Eis aqui a resposta às vossas perguntas.

A princesa disse então: — E' este o meu noivo, e todos os

irmão e que todos os outros príncipes e sábios, casou com a princesa Olímpia e lá viveram muito felizes no grande castelo, rodeado da linda floresta, por muitos anos.

O ramo de Camélias

Por MARIA JULIA DIAS FERRAO
MENÇÃO HONROSA SEM NUMERAÇÃO
Desenho de EDUARDO MALTA

— Imitação de um conto frances —

Uma pobre criança coberta de farrapos, encostada à vitrine de uma casa de flores, olhava, ansiosamente, para um lindo ramo de camélias.

Apesar da neve que caía, fria e triste, dando à atmosfera um tom sombrio, as camélias são lindas, pareciam ter sido meigamente acarinhadas, pela brisa da primavera.

Com hesitação, a criança abriu a porta da florista.

Quanto custa este ramo de camélias? perguntou, pegando no ramo.

Vinte escudos.

Vinte escudos!... repetiu a pobre pequenita com desalento, deixando cair as flores sobre o balcão, e uma lágrima, triste e isolada, correu-lhe pelo rostosito pálido.

Minha querida mãesinha! soluçou a pequenita. Ela que nasceu no mês em que as camélias estão em flor irá para sempre sem um ramo delas na sua mão regelada.

Perdeste a tua mãe? Infeliz criança! disse a vendedeira comovida e pegando, não num ramo, mas num braçado de camélias encheu com êle o avental da desgraçada pequenita e, recusando o dinheiro que ela lhe queria dar, disse-lhe:

— Não, minha filhinha, tu não pagarás a última prenda que queres oferecer à tua mãe!





A SENHORA MARIA DO JOÃOZINHO

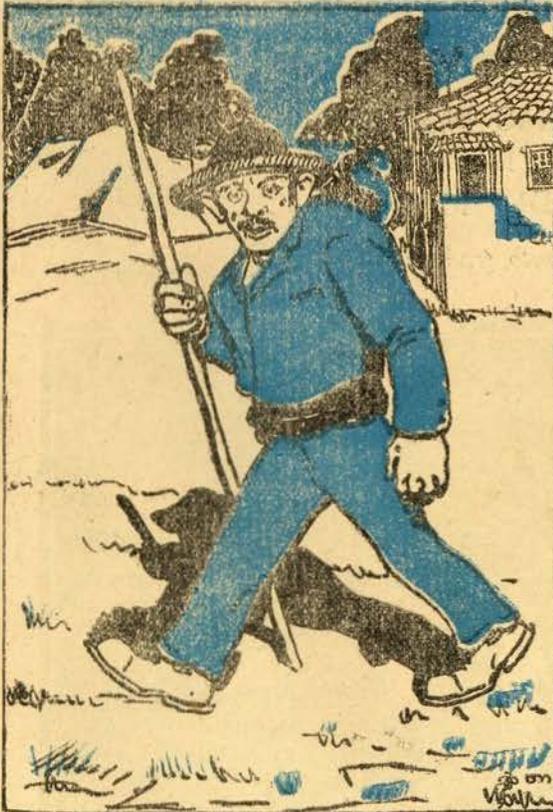
Por DURVAL PIRES DE LIMA
Desenhos de EDUARDO MALTA

*História que dizem verdadeira
para os lados da Beira*

ERA uma vez um casal de boa gente que sem um se-
não seria o mais feliz de dez léguas em redor.

Viviam em uma casinha ao pé dum rio muito bo-
nito e muito pequenino que se saltava aos pés juntos e, me-
nos frio que fosse, não haveria ninguém que o não quizesse
guardar numa caixinha de vidro para todos o verem.

A casinha era a coisa mais linda que Deus deitou ao
mundo pela mão dos homens; era toda de cal e areia com
um telhado de telha vermelha muito pintadinha e um cata-
vento de ferro, por sinal um galo sem crista, que quando



Nosso Senhor soprava lá das nuvens se punha a girar que
era uma coisa de fazer pasmar um cego, tal era a chiadeira
que fazia.

Ora nesta casinha que tinha um quinteiro, todo bem tra-
tado, e uma adega fresca que era um consolo, vivia o tal
casal. O Joãozinho, que era o nome do marido, embora
corcunda das costas e do peito, era muito bom sujeito e
amigo da mulher, mas a senhora Maria do Joãozinho, ape-
sar da fraqueza pela sua cara metade, fazia-o ralar até
mais não poder.

Mulher mais gulosa que ela podia pôr-se as mãos no fogo
que não havia, e, então, amiguinha da uva quando está
pisada, nem é bom falar.

Ora acontecia que o marido, apesar de amigo, se enchia
às vezes dos seus azeites, e torna porque deixa que lhe
havia de dar uma ensinadela mestra e de prevenção
arrecadava um bom fueiro atrás da porta.

Vai um dia, lá pelo fim de Outubro, o homem teve que ir
fóra da terra e, com grandes choramingas, recomendou à
mulher que tivesse juízo e cabeça fresca, não fôsse fazer
alguma das suas, pois sabia êle que três pipas estavam a

abarrota de moscatel que deitava um cheiro que era um regalo

A mulher mal viu o seu homem pelas costas, foi, aos saltinhos, ao oratório e de mãos postas começou a dizer:



— Minha rica Mãe de Deus perdoais-me se desobedecei ao meu marido?

Ora como Nossa Senhora era de papel, e não falava, ela entendeu que estava perdoada e, toda contente, de si para si, não descançou enquanto não provou um quartinho de cada pipa.

E foi isto assim no primeiro dia e depois por aí fóra, até que o marido, farto de andar, voltou para casa.

O Sr. Joãozinho, como era muito boa pessoa, não desconfiou da partida e, com muitos meneios e abraços, deu à mulher um lenço de sêda, três vâras de merino para uma saia e umas botas com pingentes de vidrilhos, que custaram na cidade meia libra. No dia seguinte, como é natural, — nêstes casos acontece sempre, — veio o senhor cura e um primo tropa e maillo compadre e a sobrinha dum tia e mais parentela que era um rôr de gente.

O Joãozinho não cabia de alegria nas duas marrecas, e, para lhes agradecer, quiz dar-lhes a provar do seu vinho

Mas aqui é que foram elas como se está vendo — Porque foste tu que bebêste! — Não fui eu! — eu dou-te

uma sova que nunca mais vais mexer no que não te pertence — Oh, compadre, socegue!

— O vinho tanto é meu como é seu. — Então, sr. João, pelo amor de Deus. — Cale-se aí, você, que é uma intrujona. — Por quem é, mano! — Você é um trapalhão e um marreca etc, etc, etc.

O sr. Joãozinho, e com carradas de razão, foi buscar o fueiro e arregaçava a mangas da camisa, quando a sr.^a Maria, num vale de lágrimas, começou a gritar que fóra o gato que bebera o vinho.

O cura, que era muito bom, disse que naturalmente tinha sido o gato, o militar que os gatos às vezes gostam de vinho, e a mana do Joãozinho que o tareco cheirava a uva.

— Oh se cheira, gritou logo a Maria, encarrapitada na tripeça, e tanto é verdade que apelo para Nossa Senhora. Dito e feito. Sairam todos, e o padre-cura foi a casa num credo buscar um molhão de chaves a ver qual calhava mais depressa na porta da igreja.

Aberta que foi ela, entrou a mulher e o marido ambos muito espiculundríficos, ela porque tinha a certeza que o Joãozinho lhe dava uma sova mestra e êle porque tinha de bater na mulher por honra do seu ofício de marido, pois em casa de varão manda êle e a mulher não.

A sr.^a Maria que era devota, mas ainda mais matreira, esteve três tempos a passar o terço e depois perguntou muito alto para que todos ouvissem:

— Minha mãe do Céu, dizei aqui ao meu homem, se quem bebeu o vinho fui eu ou o gato.

Ê a igreja, que tinha muito eco começou a responder, de todos os lados, o gato, o gato, o gato!



O marido muito contente, pediu perdão à mulher, foi-se ao gato, matou o bicho e fez dêle um assado cheiroso com batatinhas fritas que guardou, para quem não ficou contente com o fim da história

F I M

MENINO, peça ao papá,

A' mamãsinha e à avó

Que encomendem já, já, já,

O lindo «Có-Có-Ró-Có»,

Da colecção «Pim-Pam-Pum!»

Um livro como não há,

Nem nunca haverá nenhum,

Pois que este «Có-Có-Ró-Có...»,

Não é de cá-cá-rá-cá!



ENTRE as histórias que traz,
Vem uma — a «Cova da Bruxa»,
Em que um menino, um rapaz,
Cai nessa cova e estrebucha
Nas garras de Satanaz;
Mas nisto alguém vem que o puxa...

.....
O resto só saberás
Quando, em breve, a tua avó,
O tio, a tia ou papás

Comprem o «Có-Có-Ró-Có!»

O ANEL DA PRINCESA

= POR AURELINA TROVAO: 12 ANOS =



ERA uma vez um rei que tinha uma filha muito bonita.

Chegando à idade de se casar, vários pretendentes vieram pedir-lhe a sua mão, mas nenhum lhe agradava. A todos punha defeitos.

Uns porque eram muito altos, outros porque eram demasiadamente gordos. Por fim, sempre apareceu um que lhe agradou pela sua esbelta figura; porém, como era muito orgulhosa, não quiz dizer logo que gostava d'êlo, só lhe dizendo que consentia em ser sua mulher, se êle lhe trouxesse um anel que ela havia perdido na floresta, quando um dia lá fôra passear.

O príncipe disse-lhe que sim, mas sem nenhuma esperança de o encontrar, pois bem sabia que todos os criados do palácio tinham andado, dias e dias, a ver se o encontravam e não o haviam conseguido. Como, pois, o conseguiria êle?!...

Muito desanimado, correu para a floresta, e lá passou o dia sem nada conseguir. Cheio de cansaço, sentou-se debaixo duma árvore, com a cabeça entre as mãos, pensando na princesa de quem tanto gostava, e que considerava perdida para sempre, pois nenhuma esperança lhe restavam de encontrar o anel.

De repente, viu aproximar-se uma velhinha, que lhe pediu esmola, perguntando-lhe, ao mesmo tempo, porque estava tão triste. Então, o príncipe tudo lhe contou, e a velhinha, que era uma fada disfarçada, condôida do desgosto do príncipe, disse-lhe: — «Eu sou a fada Bom Coração e, como sei que tu és bom, quero que sejas feliz. Vou pois fazer com que te apareça o anel.»

Ao mesmo tempo que dizia estas palavras, bateu com a varinha três vezes no chão, dizendo: — «Apareça aqui o anel da princesa!»

Imediatamente o anel apareceu.

O príncipe, doido de alegria, correu para o palácio, entregando o anel à princesa que ficou muito contente.

Casaram e, vivendo muito felizes, não esqueceram nunca a fada Bom Coração.



O MEU JORNAL

3.^a MENSÃO HONROSA—10 anos de idade

A respeito de jornais,
Eu por mim quero só um;
Desprezo todos os mais
E só leio o *Pim-Pam-Pum!*

Quando a creada m'o traz,
Vou logo lê-lo à Mamã;
Ver as *partidas* que faz
Essa marota da *Pam!*

E por isso:— De jornais
Eu por mim quero só um;
Desprezo todos os mais
E só quero o *Pim-Pam-Pum!*

A's vezes leio-o sôzinha,
E digo de mim para mim:
Fazer tanta *partidinha...*
Só o brêgeiro do *Pim!*

E se nós estamos todos,
A família ou mais algum,
São gargalhadas a rodos,
Quando leio o *Pim-Pam-Pum!*

Que desgosto se êle falta!—
Digo eu a mana Zita—
Deus conserve o Senhor Malta,
Dê saude ao Santa-Rita!

Maria Bela Jardim de Carvalho.

CORRESPONDENCIA

Duarte— Não foi só o seu postal que chegou ao nosso poder sobre o mesmo assunto.

Por conseguinte a sua intelligencia está fora de qualquer suspeita...

Resposta:

O que o pescador pescou, foi uma bota que se vê no céu. O gigante Sarapantaleão tem a menina (salvo seja) nos dentes, voltando o jornal de pernas para o ar.

A menina apresenta-se em meio corpo, com braços e tudo. Agradeço o interesse.

Marta Helena Araújo— O Pim Pam Pum não acaba, pelo menos por enquanto não temos tenções de o fazer terminar.

Tens pena dos pobrezinhos?

Fazes muito bem. Demonstras que tens um coraçãozinho de ouro. Se todas as meninas assim fossem seria um céu aberto...

Envio-te um trilhão!... um... quatrilhão!... um tigre de belzinhos!!!!

Diamantino de Jesus Oliveira— Tinta preta!!! Papel sem liliilinhas!!!

Fernando S. Tomás— Não estou zangado, não.

A tua maquina de combolo caiu da ponte abaixo e foi um trabalhão para a pôr no seu lugar. O maquinista foi para o hospital e só quando estiver melhor é que vem o retrato dele no Pim Pam Pum... Percebeste?

As históriazinha que mandaste é muito triste...

Partei-me de chorar, e não quero que suceda o mesmo aos teus «primos». Tem paciencia!...

Dede— Quasi que acredites...

Gostava que me enviasse um conto muito bonito, para ilustrar.

Mas um que seja muito bonito... Sim? Mil... não faça caso, que não é nada.

António Gonçalves Vilhena— Recebi o conto. Sairá a seu tempo.

TIOTÓNIO

Rua do Seculo, 45 — LISBOA

HORA DO RECREIO

OS «BOXEURS» CATAVENTO

Meus amiguinhos

Tenho o prazer de lhes apresentar hoje, os «boxeurs» catavento.

Ficam muito engraçados mas para os fazer é preciso um bocadinho de habilidade. Mas como todos são muito habilidosos...

MATERIAIS

Pelas gravuras verão, que não são precisos muitos materiais

A — um pedaço de madeira, com o feitto indicado, ao centro da qual se prega um prego (B) ou um arame. Na parte de traz, coloca-se a peça G, que é de folha de ferro e faz de leme.

Como deverão deduzir, a parte em bico é que indica de que lado está o vento.

D — Os «boxeurs» de madeira ou papelão (é preferível a madeira) aos quais se fazem no sitio dos ombros uns buracos, onde se espetam uns canudinhos (C) de cana, ou de papel enrolado.

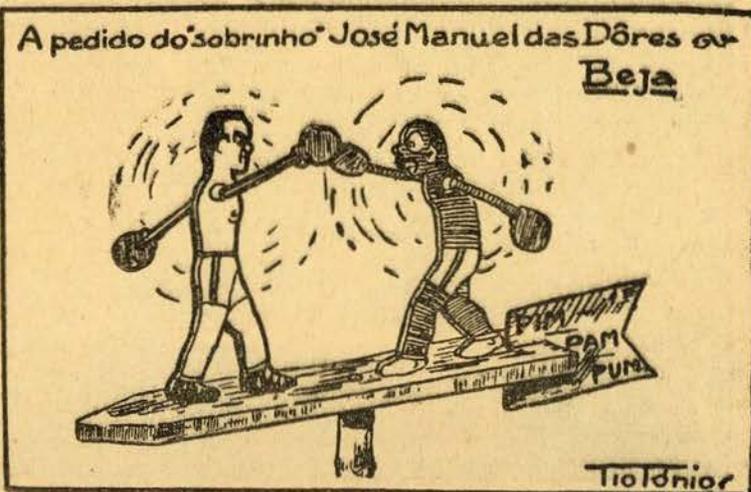
E — Arame com 8 1/2 centímetros, dobrado na maneira que indica a figura, nos extremos dos quais se colocam as luvas de box (H) de papelão e que se colam muito bem para não voarem.

F — Uma cana que faz de eixo do catavento, que pode ter as dimensões que quiserem.

Perceberam?

A pedido do «sobrinho» José Manuel das Dôres de

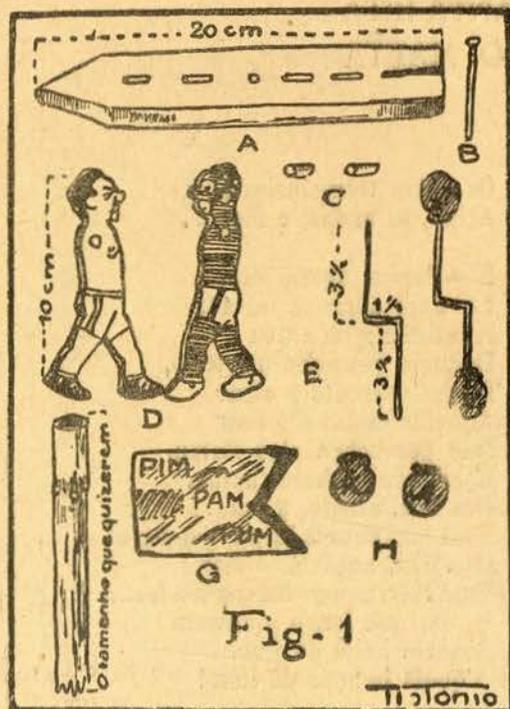
Beja



Para quaisquer indicações está sempre às vossas ordens o

TIOTONIO

Cardoso Lopes — Rua do Seculo 43 — LISBOA



ADIVINHAS

1

Qual o brinquedo, qual é...
Que gira sempre apressado,
E, por girar sempre a pé,
Tem um nome apropriado?

2

Qual o brinquedo, qual é...
Tão veloz como uma pomba,
Que, andando, se aguenta em pé,
E parado logo tomba?

Decifração das anteriôres:

- 1 — Abóbora-menina
- 2 — Vassoura



PÁPIM AO COLO

Por AUGUSTO DE SANTA-RITA

Desenho de EDUARDO MALTA

E' noite ; Pápim na praia,
Sob a abobada divina,
Entre a espuma de cambraia
E a areia côr de platina,
Ao calor da amiga saia,
No colo de Rosalina,
Rosalina — a sua aia —
Pula, ri, põe-se a brincar...

Até parece que o luar,
Só de o ver rir, se está rindo!

Rosalina, então, abrindo
Num grande sorriso o olhar,
Ergue-o nos braços ao ar
E diz-lhe:— olha o ceu que lindo,
Tão lindo! e põe-se a apontar

Os astros tremeluzindo
A lua, as ondas, o Mar...

E o Pápim, agora sério,
Em cujo olhar se insinúa
A infinita graça nua
Daquele extranho mysterio,
Instintivamente a olhar
Aquelas ondas e o luar
Que por sobre elas flutua,
E em seus cabelos actua,
Ora fixa, atento, a lua...
Essa lua, aquela lu-u-u-u-u-u-a!
Ora fixa, absorto, o Mar,
Esse Mar, aquele Ma-a-a-a-a-r!...
O mar que longo murmura
A'quele beijo da Lua,
A'quele benção do luar!